

Gustavo Primo

(1992, Barra Bonita – SP) é licenciado em Letras – Português e Inglês e mestrando em Estudos de Literatura (PPGLit-UFSCar). Interessa-se por questões de escritas profissionais e processos de edição e, nesse sentido, tem oferecido oficina de escritas criativas na região de São Carlos.

E-mail: gustavo.primo@bol.com.br

as três luzes

Red

Chega à casa sentindo na eletricidade do ar a promessa de drogas, música e, crucialmente, corpos não-virtuais. Essa noite será diferente. Ele quer todos os homens em suas mãos, todas as línguas em sua boca, todos os olhos em sua direção. A camisa xadrez é análoga ao rosto despreocupado, igualmente vestido como acessório. Hoje será diferente, ele sabe, leu na internet. Todas suas inocências foram trancafiadas em algum lugar do abismo de sua alma. Entra na festa e basta um instante para saber. Que há uma rachadura em suas fundações: já vários olhares caem sobre o rapaz, mas a vistoria é breve e desinteressada. Sente o sangue pulsar em seu rosto. Nesse epicentro do desejo, o protagonista atua como um figurante. Beber e deixar estar. Os corpos se espremem numa grande massa de carne humana. Legião. Apesar de quase imobilizado, não se sente tocado. Um fantasma no mundo dos homens. O medo vermelho é o medo de ser invisível. Vários copos de esquecimento. Nenhuma investida. A cabeça lateja, a vista embaça. Decide ir para a sala escura. O lado sombrio da consciência, de onde nos olham as caveiras sulfúricas. Quer a vida! As mãos tateiam numa altura

propícia. Mas o que encontra é outra mão. Sobe o olhar e num lampejo de luz artificial vê o garoto de cabelo descolorido. Está sujo, parece um ator pornô de quinta categoria, mas desses que o rapaz faz sempre render um orgasmo, mesmo que demore horas, mesmo que fique com o membro esfolado e quente como uma faca de pelar porcos. O garoto vem mais próximo, envolve-o pela cintura, aponta a língua em sua direção. A língua molhada em sua direção, a língua molhada com a ponta colorida, em sua direção. Como uma cobra que diz Vem, é inevitável. Num festim como aquele, tudo é inevitável. E sorve da língua babosa de cerveja a pílula da vida fácil, da festa vermelha. Continuam num beijo gosmento, gel de cabelo, perfume forte, líquido pré-seminal. Sangue pulsando à batida da música. Tambores rituais transformados em pop, em que todos gritam, cães enlouquecidos para a maior lua vermelha. Sândalo, cerveja, pressão arterial. Vamos dançar! Numa tentativa de lisonja, o rapaz confessa: você parece um ator pornô. Insultado, o garoto cobre-o de bebida barata. Agora sim, todos os olhares em sua direção e é como se o banhassem de ferro fundido. Todas as suas cavernas inundadas de matéria vulcânica. E satisfeito. Dança melado de açúcar, como um cavalo que acabou de nascer. Porque é preciso ter o coração destroçado e em que se inscreve com a ponta de uma tesoura Humilha-me. É preciso implodir os túneis da alma para ir mais fundo, mais fundo, mais fundo.

Green

Trotava com seus shorts de ginástica no caminho de terra batida aberto dentro do bosque. De início, parece só uma tarde de caminhada para velhas com artrite e casais de classe média. Mas ele sabe, ele ouviu falar. Vai alerta, esperando pela tarde que cai. Já identificou os participantes desse jogo secreto. Como ocultistas, os membros desse congresso sigiloso trocam sinais: As paradas nas curvas mais profundas do bosque, os olhares furtivos, os toques furtivos na virilha, o perfume

caro sendo usado para correr. A seita dos maduros. Ele imagina, e isso basta para fazer seu coração acelerar. Tem medo de ser descoberto. De ser espancado. De adoecer. Mas despreza esses medos pequenos, porque o medo mais forte é o medo verde: é o medo de nunca amadurecer. O bosque zumbindo em direção à noite. Movimentos estalam na mata fechada e, sobrenatural, surgem caminhos anônimos, abrem-se sendeiros, surgem e desaparecem à necessidade de seus criadores. Ele com esse corpo tenro, alvo, imaculado, naquele bosque que respira como uma grande fera viva. Buscando sua *iniciação*, almejando seu papel no ritual dos maridos mentirosos, dos homens de negócio frustrados, das bichas velhas, famintas por bezerros a lhe trazerem de volta a juventude, dos michês já familiarizados, esperando bocejantemente como faunos mordorrentos. Mato, esterco, líquen, terra. O rapaz entra em uma das sendas, vai às cegas, a vista saturando de verde, verde escuro, musgo primitivo. Já não está sozinho. Sabe o que esperar para além da curva. Tornado cervo, já tudo vira tarde demais. Ali está o caçador. O rapaz é aprisionado pelo olhar de seu mestre, algoz e companheiro temporário. O corpo como um sacrifício fresco diante do pai arquetípico, o próprio deus cornudo. O homem verde vem, brandindo seu cajado primordial em direção ao rapaz. Cada vez mais próximo para o batismo de mais um filho. O rapaz inspira e prende a respiração, cada um de seus medos transmutado em desejo de existir.

Blue

Solta a respiração, deixando para as cinzas o mundo erótico que acabou de criar e que agora perde sua utilidade. Nas paredes do quarto se projetam os azuis do computador. Na tela, dois corpos anônimos do leste europeu insistem em seu trabalho de entrar e sair um do interior do outro. De deus provisório a mero mortal, o rapaz olha para o teto de sua casa gelada. O sêmen escorre de sua barriga, branco e mágico como mercúrio.

Vertido. Abandonado na casa vazia, tinta branca gelo embolorada, paredes infiltradas, um heremita em sua gruta úmida. O corpo nu condensado nos azulejos. A masturbação funcionando como droga pessoal, dando mergulhos infinitos no mar pacífico. Mas o rapaz sabe que o paraíso não é infinito. Do choque elétrico do gozo à morbidez. E o remorso como uma onda. Mais duas horas de vida desperdiçada, de trabalho não realizado, de inconclusão. A tristeza abraçando-o, mantendo-o inerte nos azulejos timbrados de mármore falso. Os olhos se viram em direção à cortina. Lá está ela, a velha a sorrir. Em véus translúcidos, com seu esqueleto de cristal. O medo azul é o medo da morte, é o medo de ser esquecido, de estar trancado enquanto o mundo acontece. O corpo está trancado. Como a casa está trancada. Preguiça, Água leitosa. Uma roda eterna de homens virtuais, orgasmo e tristeza, uma *cibersamsara* da qual é preciso, uma vez, escapar.